

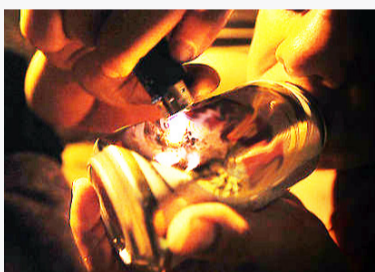
DROGAS.

NÃO DÁ MAIS PRA ACEITAR.

“Ah, então você usa drogas? “Mas é só de vez em quando”, você diz. Tudo bem, mas você usa drogas. E vive reclamando da violência. Por que acha que uma coisa não tem nada a ver com a outra? Se liga! Sete... sete em cada dez assassinatos que acontecem nesse país estão diretamente ligados ao tráfico de drogas. Roubo de carros, assaltos a bancos, guerra de gangues, morte de inocentes... tá tudo ligado! E tem tudo a ver com a droga que você compra. Mas o pior é que você sabe disso. Então, fica combinado assim: ou você para com as drogas ou para de fingir que não tem nada a ver com isso. E aí? Qual vai ser sua escolha?”

O texto acima é da propaganda que está sendo veiculada por emissoras de rádio e TV, parte da campanha “Drogas. Não dá mais pra aceitar”, uma iniciativa conjunta do governo do Estado, Assembleia Legislativa, Tribunal de Justiça e Ministério Público, que tem o apoio da Associação dos Diários do Interior (ADI-SC). A motivação para a campanha, segundo o próprio governador Raimundo Colombo, que a idealizou, veio dos ataques a ônibus e patrimônios públicos, nos anos de 2012 e 2013. Na época, as investigações mostraram que todas as ordens partiam de traficantes presos, indicando a capacidade do crime organizado em torno da venda de drogas ilícitas. A resposta à pergunta final da propaganda depende de como cada um encara a questão.

Duas histórias cada vez mais comuns



Marcos, de 17 anos, largou a escola aos 15. Desde os 12 consumindo maconha, já tinha dificuldades para aprender e preferiu desistir. O uso, que era eventual, passou a ser diário e evoluiu para o crack. Apesar da vida desestruturada, Marcos tem uma namorada.

É Camila, 16 anos, que também usa maconha há pelo menos um ano e não quer entrar no crack. Ainda vai à escola, mas suas notas são sempre abaixo da média. No final do ano, passando ou não, vai abandonar os estudos para cuidar do filho que espera do namorado.

Os nomes são fictícios. As histórias, reais. Marcos e Camila moram em uma comunidade da periferia de Florianópolis. Por lá, é comum chegarem pessoas de todas as classes sociais. São consumidores de drogas que vão atrás da maconha, do crack, da cocaína, do mesclado e das sintéticas, como o ecstasy, vendidas qua-

se livremente por ali. Os moradores do lugar sabem quem vende e quem compra. Entretanto, estão sujeitos à lei do silêncio. Assim como às ações violentas contra os suspeitos de serem delatores ou os que acumulam dívidas com os traficantes.

A campanha fala diretamente com pessoas como Marcos e Camila, seus familiares, os moradores de comunidades como a deles. E também com os moradores das áreas rurais e aqueles que vivem nas casas e edifícios das áreas nobres das cidades catarinenses. Com os frequentadores de baladas e com os estudantes das boas escolas e universidades.

Ou seja, não há um público específico. Todos, de alguma forma, têm contato com esse mundo marginal que vem destruindo a sociedade pelas bordas. E com o consentimento da própria sociedade, que percebe o drama, mas não consegue reagir.

Assistência Social - A secretária estadual da área, Angela Albino, coordenará as ações intersetoriais da campanha, uma vez que foi a sua secretaria que coordenou a elaboração do Plano Estadual de Políticas Públicas sobre Drogas. “A ideia é que possamos ter uma ação intersetorial - Assistência Social, Educação, Saúde e Segurança Pública. Exatamente para poder tratar a droga de uma forma ampla e não sobre uma dimensão só. É um desafio para todas as gestões trabalhar de forma integrada.” Na Assistência Social, entre os equipamentos públicos que contribuem para tratar do assunto estão 354 Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e 87 Centros de Referência Especializados de Assistência Social (Creas). O governo estadual também está investindo na construção de 61 novas unidades de proteção básica e 20 de especial que integram o Pacto pela Proteção Social.

Educação - Marcos e Camila, personagens do texto ao lado, estão representados nas estatísticas da Secretaria de Estado da Educação. Em pesquisa de 2009, aplicada em apenas nove escolas de Florianópolis, 7% dos estudantes admitiram já ter utilizado maconha e o primeiro uso ocorreu com menos de 14 anos; antes de completar 13 anos, 1,3% usaram cocaína e mesclado pela primeira vez; e 0,6% usaram crack com menos de 11 anos. Para lidar com esse quadro nada animador, a Secretaria da Educação mantém algumas medidas, como a orientação para que a temática seja incluída nos projetos político-pedagógicos. Há ainda o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd), realizado em conjunto com a Polícia Militar, e o Programa Saúde na Escola (PSE). Nas Gerências Regionais de Educação e nas unidades escolares são implantados os Núcleos de Educação e Prevenção às Violências na Escola (NEPRES), cuja criação segue a orientação da Política de Educação, Prevenção, Atenção e Atendimento às Violências nas Escolas da SED.

Uso de Drogas Ilícitas nas Escolas de SC*

%	Droga	%	Usuários
9,27	maconha	13,86	alunos E. Médio
2,30	crack	6,83	alunos séries finais E. Fundam.
1,77	cocaína	1,26	alunos séries iniciais E. Fundam.
1,29	inalantes	2,41	funcionários área administrativa
1,12	ecstasy	2,22	professores

*Questionário aplicado em 2010, em 1.320 unidades escolares

Saúde - A Secretaria da Saúde também está inserida na campanha. Para o secretário João Paulo Kleinübing, trata-se de “uma mobilização extremamente importante”, principalmente pelo caráter multissetorial e por envolver diferentes poderes. “A droga é o maior mal da sociedade moderna. Está na origem de 70% dos casos de violência. Somente com a união e a ação conjunta de diferentes segmentos da sociedade é que poderemos enfrentar e superar o problema.” Kleinübing informou que a pasta que comanda dispõe de 600 leitos para internação de casos extremos (overdose, surtos, saúde mental) e que serão criados mais 14 leitos em hospitais infantis. A secretaria ainda participa da implantação de 89 Centros de Atendimento Psicossociais (CAPs). “Mas, mais do que na internação, a secretaria foca seus esforços em uma política de tratamento voltada ao acompanhamento do paciente, buscando sua mudança de hábitos e a plena reinserção ao convívio social.”

Segurança Pública - Contar com a sociedade para denunciar pontos de tráfico e traficantes. Essa é uma das estratégias da Secretaria de Segurança Pública, que mantém o número 181 para denúncias anônimas. Entretanto, o secretário César Grubba explicou que o trabalho da pasta ocorre em três eixos: prevenção, feita basicamente pelo Proerd, repressão, para a qual contribuem o Conselho Estadual de Entorpecentes (Conen) e os Conselhos Comunitários de Segurança (Consegs), e recuperação. “Quanto mais trabalhamos nos eixos prevenção e repressão, menor o trabalho na recuperação. E quanto mais se trabalha na prevenção, menos se trabalha na repressão. Essa campanha é um momento importante para criar a consciência coletiva de que não podemos continuar enxugando gelo, apenas fazendo a repressão. Temos, isso sim, que evitar que as pessoas entrem no mundo das drogas, que usem pela primeira vez.” Ele explicou que o uso da inteligência é fundamental e imprescindível para a identificação e o combate à ação criminosa.

Apreensão de Drogas em SC*

Maconha	1,6 tonelada
Cocaína	61,7 quilos
Crack	40,6 quilos
LSD	4.383 micropontos
Ecstasy	18.238 comprimidos
Outras drogas	79,5 quilos
Outras drogas	10,5 mil unidades

Fonte: SSP-SC | *de 01/Jan a 30/Jun 2015